

(WC) - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, FACULDADE DE EDUCAÇÃO PRA FALAR COM A PROFESSORA CLÉLIA CAPANEMA PARA O PROJETO.

(CF) - Freitas.

(WC) - De Freitas Capanema.

(CF) - Freitas Capanema.

(WC) - Pra falar para o projeto Memória da Educação do Distrito Federal. Professora Clélia, a senhora poderia me dar o nome completo, por favor?

(CF) - Ah, eu sou Clélia de Freitas Capanema.

(WC) - Gostaria de citar laços de parentesco que sejam importantes, que marcaram a sua vida?

(CF) - Não, tem muita, muito apreço por toda a minha família, por todos os meus parentes. Agora, evidentemente que, quando se trata de meios educacionais no Brasil, todas às vezes que eu tenho que incluir um nome à lembrança que (riso) ocorre a todo mundo é o que eu sou do Gustavo Capanema.

(WC) - Exatamente.

(CF) - Que foi ministro da Educação, Senador da República, Deputado Federal, que tem uma vida política muito atuante. O meu parentesco com ele é, é que ele é, o meu marido, eram primos, primeiro os pais eram irmãos. Inclusive, afora esse parentesco, eu gostaria de salientar que Gustavo é um grande amigo meu, é, eu tive com ele, aqui em Brasília, principalmente depois de Brasília, uma convivência muito afetuosa, e muito, muito proveitosa também, porque eu aprendi muito com ele.

(WC) - Deve ter sido uma convivência muito riquíssima, 'né?

(CF) - Foi uma convivência rica porque apesar de, de se fazer hoje alguma restrição a, a administração dele, por ter sido administração

do estado novo, é preciso que se saiba que existe depoimento do Carlos Drumond de Andrade que foi chefe do gabinete dele, quando ele era ministro da Educação, ele disse que o Gustavo foi chamado pro estado novo (bateu em algo) para trabalhar na administração do estado novo para humanizá-lo, não é? Então eu, eu gostaria de, quando se trata de parentesco, de dizer que, que eu tive muitas honra, tenho muita honra de ter convivido com ele. Evidentemente, que o apreço que eu tenho pelo sobrenome se deve a ser sobrenome do meu marido, né? E não do Gustavo Capanema, evidentemente. Mas acho que aprendi muito com ele, até muito de, de, de história da educação.

(WC) - História da educação.

(CF) - É.

(WC) - Deve ser.

(CF) - Me lembro bem que quando estava no grupo de trabalho da lei 5.692 ele estava em Brasília, e ele me telefonava muito curioso, porque a lei 5.692 ela, ela teria muito, é, as... convicções dele de centralista e prezou muito a, à época em que ele administrou.

(WC) - O Ministério da Educação em Brasília.

(CF) - E ele achava que a lei, que era uma lei muito pragmática mas é que profissionalizava, é, com o despreço, na percepção dele, com despreço a educação humanística dos nossos jovens e ele continuava defendendo uma educação mais clássica e etc.

(WC) - Ele tinha uma grande visão, né?

(CF) - É, sim.

(WC) - Acho que ninguém nega isso.

(CF) - Acho que tem que respeitar, respeitar as posições.

(WC) - É.

(CF) - As opiniões, né? Que ele tinha com relação ao que devia ser educação. Foi um, foi o ministro da, para à época, correspondente a um bom ministro da cultura, né? Foi ele que introduziu, praticamente, a, a cultura moderna no Brasil, um grande amigo do Oscar Niemeyer, né? Mas acho que nós não estamos aqui pra falar do Gustavo Capanema.

(WC) - Mas é muito importante isso.

(CF) - É. (risos)

(WC) - A sua profissão! A sua.

(CF) - Eu sou visceralmente professora, né?

(WC) - Visceralmente, eu gostei.

(CF) - Eu comecei pro... normalista, formada em Colégio Imaculada Conceição de Belo Horizonte, eu sou mineira, modestia a parte, né? Eu digo isso sempre pras pessoas, desculpe, mas eu sou mineira, né?

(WC) - Nasceu onde?

(CF) - Eu nasci numa cidade pequena chamada Bonfim, fica à 89 km de Belo Horizonte, uma cidade que não tem nenhuma expressão, nem histórica, nem econômica, nem geográfica, nem política, pequenina. Uma das poucas cidades que eu vi no, no, numa publicação da, do IBGE, que tá diminuindo a, a população porque ela, a população é toda atraída pela capital, que está muito próxima. Ela é uma cidade assim, mas meu pai era advogado nesta cidade e eu nasci lá. Mas nossa, nossa educação formal, minha e dos meus irmãos toda se processou em Belo Horizonte, onde finalmente mais tarde nos passamos a residir, né?

(WC) - Seu local de trabalho atual?

(CF) - Sim, eu estava dizendo a você que eu fiz o curso normal no, no Colégio Imaculada Conceição de Belo Horizonte. Depois disso, algum tempo mais tarde, quando eu já era professora primária, eu comecei em sala de aula alfabetizando e no meu memorial que, apresentado aqui

para enquadramento na universidade, eu faço menção a essa experiência que eu considero importante, não só por ter sido uma experiência inicial, né? Da minha vida profissional mas significativa também no que ela representou de compreensão de, de, de imersão numa realidade que eu só queria interpretar mais tarde. Então uma mera normalista iniciante não tinha condições, pelo menos, não tinha condições de realizar essa experiência como hoje eu tenho. Quando fiz o meu memorial pra, pra enquadramento aqui na universidade, desse enquadramento, memorial foi até muito elogiado quando passou aqui pelos, pelos órgãos colegiados da tramitação, eu fui muito cumprimentada por colegas que leram o memorial porque é um memorial em que eu falo da importância de se começar uma carreira de professora numa sala de alfabetização, numa cidade de interior, num, numa escola pública, no grupo escolar, Melo Viana de Bonfim onde eu tinha, na minha sala de aula, o filho do juiz de direito, filhos, filho do médico, filho da, filhos da classe, da classe média alta, da classe, da elite da cidade e tinha também o filho da lavadeira, filho do carroceiro. E eu me lembro que eu faço uma, uma, um paralelo entre o destino que levou o filho do desembargador, o filho do juiz de direito e mais tarde desembargador, que ele próprio chegou, hoje ele é dese... desembargador aposentado, muito jovem ainda e um advogado de renome e muito bem sucedido em Belo Horizonte. Por coincidência, sobrinho do meu marido que é o Gustavo Capanema de Almeida. E o João Evangelista Pinto, um menininho pretinho que ia pra, primeiro passava na minha casa pra almoçar lá em casa, pra depois descer comigo pra, pro grupo escolar porque eu descobri que este menino dormia em sala de aula todos os dias e depois eu descobri que ele dormia porque não tinha

almoçado, ele dormia de fraqueza, dormia de fome. Com, esta experiência quando você percebe as camadas sociais dentro de uma sala de aula, hoje, isso no, no, talvez, eu não sei, se numa cidade grande com, onde, onde coexiste a rede particular e a rede pública essa, talvez essas diferenças não sejam tão marcantes. Mas na cidade onde eu vivi, onde eu nasci, não havia a escola particular, havia o grupo escolar.

(WC) - Apenas, né?

(CF) - Então, o grupo escolar apenas, para lá iam todos e se encontravam as várias classes sociais dentro de uma sala de aula.

(WC) - (incomp.)

(CF) - Várias classes sociais eu percebi desde de cedo e percebia muito. E a essa época, uma normalista recém formada, eu muito jovem, eu saí do curso normal muito jovem, eu não tinha lido **Burdier** (incomp.) não tinha lido a crítica à escola, como hoje os meus alunos lêem.

(WC) - Já fazem, né?

(CF) - Conhecem, discutem, meus alunos aqui da faculdade. Mas tinha já uma percepção dessas diferenças e da importância da escola pública pra esse processo de equalização de condições de aprendizagem. Mas sempre percebendo que a escola sozinha era impotente pra promover essas mudanças que a gente tanto desejava, é, e para resolver essas diferenças que eram tão gritantes dentro da sala de aula.

(WC) - Com essa percepção então é mais do que natural que você tenha continuado com o, a escola pública.

(CF) - Eu só trabalhei em escola pública. Veja você, depois eu fui pro Instituto de Educação de Belo Horizonte e lá eu fiz o curso de administração escolar em dois anos, como bolsista do estado de Minas e

depois disto eu fui nomeada orientadora, diretora técnica do grupo escolar Romes Soares, de Araguari. Em Araguari eu fui ter uma experiência diferente. Porque em Araguari, é uma cidade grande, naquela época me diziam que era quarta ou quinta cidade em arrecadação no estado de Minas Gerais; você sabe que o triângulo mineiro é uma região próspera e, e, de Minas, é, havia grandes cerealistas, havia grandes (incomp.), corre muito dinheiro.

(WC) - Muito dinheiro.

(CF) - No triângulo mineiro e ali sim, ali eu vi as classes sociais separadas por escolas. Eu vi, a, a classe média, toda a, na escola particular e o grupo escolar cuja direção eu assumi, era frequentado pelos, chamados, meninos da cabeceira, das cabeceiras. A periferia urbana em, em Araguari, pelo menos em Araguari, chamam cabeceira.

Em 1987, eu tive oportunidade de ir a Araguari, depois de muitos anos, numa emocionante viagem de recordações, né? Para dar uma aula inaugural na faculdade de Filosofia de lá, na abertura de um curso novo, o conselho federal autorizou novos cursos na faculdade, e eu tive oportunidade de falar e eu tenho isso escrito.

É, as crianças da cabeceira, não havia uniforme, as crianças não usavam uniforme e elas iam muito mal nutridas à escola.

(WC) - Material didático o governo dava?

(CF) - Tudo era dado por nós, tudo era dado.

(WC) - Tudo era dado pela escola.

(CF) - Principalmente pela classe escolar.

(WC) - Ah, havia classe escolar.

(CF) - Que foi substituída pela associação de pais e mestres, né? Ah, essas crianças também tinham fome e porque elas tinham fome eu passei

a dar a sopa escolar às sete da manhã e à uma e meia da tarde. Eu tinha dois turnos, um de sete às onze e um de, é, de duas às seis, não, de meio dia às quatro, não me lembro dos horários. E, então essas crianças tomavam uma sopa muito substanciosa, antes de entrar pra sala de aula. Então não dava a impressão de colhedora de caridade, de albergue, e, e eu pedia às professoras que se sentassem no meio, se sentassem à mesa com os meninos, tomávamos com eles a sopa. Era uma revolta, as professoras que não queriam engordar, inclusive eu, né? Fazia um esforço muito grande pra tomar só um pouquinho, né? (riso) Pra não engordar, porque a sopa, era sopa de fubá com manteiga, era, era canja de arroz, aquelas coisas, que eu buscava pessoalmente nas charqueadas, nos cerealistas, retalhos de bolachas, de biscoitos daqueles, aqueles atacadistas de Belo, Araguari, aquelas fábricas de biscoitos e nos laticínios, lá também tem muito laticínio; eram sopas muito substanciosas, com manteiga, com carne. Nós tínhamos uma horta muito bonita, tivemos tudo isso e não havia nada disso quando cheguei, essas coisas foram um resultado de um trabalho de seis anos e eu tenho a alegria de dizer que esse foi, tal... essa talvez tem sido a experiência profissional que eu considero mais relevante da minha vida. Porque, eu transformei de fato o perfil dessa escola; era uma escola grande, importante na cidade porque era na avenida principal (incomp.) ela fica perto da famosa praça Manoel Tônico. Eu consegui, com esforço, ir a Belo Horizonte duas vezes por ano, nas férias, passando todas às tardes na Secretaria de Educação, de Viação e Obras, é, reformar o prédio, melhorar, ampliar. E, quando eu saí de Araguari, seis anos depois, eu tinha lá dentro o filho, os filhos do prefeito da cidade, do juiz de direito, médico, porque modéstia parte, correu longe a notícia de que o ensino do grupo escolar (incomp.) estava

sendo, talvez, o melhor, senão melhor, dos melhores da cidade. Foi preciso mostrar, foi um esforço, um trabalho de equipe importante, pra mostrar que é possível uma escola pública de boa qualidade que ensine e dê frutos. Eu não vejo outra saída, pros nossos problemas, se, a não ser uma escola pública sem demagogia, sem populismo, com muita consciência profissional; chega de discurso, de resgate da escola pública. Essa, esse resgate acontece dia-a-dia, hora-a-hora, dentro de cada sala de aula, que é a coisa mais importante.

(WC) - (incomp.)

(CF) - Da escola. Eu também não gosto dela.

(WC) - Não gosto, não.

(CF) - Quando eu digo.

(WC) - Eu acho que cada dia é um novo dia, o esforço é outro.

(CF) - É. Quando tem essa história de resgate, onde houve resgate, houve muito estrago. Mas eu não quero entrar nesse particular. Eu vi um estrago violento onde se pretendeu fazer resgate, tudo bem!

(WC) - Eu, às vezes, sou perguntada (incomp.) resgate da escola pública. Eu falei: não, não se faz isso. Isso não existe, né?

(CF) - Resgate é quando tá afogando, queimando no incêndio, né?

(WC) - É outra coisa, né? Não, não cabe isso pra gente.

(CF) - Então, então a caminhada foi essa, de uma escola primária de Bonfim, Minas Gerais, pra, pra continuar os estudos no Instituto de Educação, eu já estava casada, Instituto de Educação de Belo Horizonte e em seguida fui para Araguari, é, ser diretora desse grupo escolar.

(WC) - Ficou lá quantos anos?

(CF) - Fiquei seis anos e desde, acompanhei meu marido para Goiânia e fui trabalhar na, a, à disposição do ministério da Educação, o governo

do Distrito Federal, de Minas Gerais me botou à disposição do ministério da Educação pra servir a, servir a inspetoria excepcional do, do, do ensino secundário em Goiânia.

(WC) - Em que época você esteve lá?

(CF) - Eu fiquei lá de 56 a 60.

(WC) - É?

(CF) - De 56 a 59. Que 60 eu vim pra Brasília, né? Fiz concurso.

(WC) - Eu trabalhei em Goiânia em 59.

(CF) - Eu tava saindo.

(WC) - É.

(CF) - Eu trabalhei com Vicente Umbelina, né? Lá na, na.

(WC) - Conheceu a Quita?

(CF) - Muito, ela foi minha colega.

(WC) - A Quita é minha prima.

(CF) - É colega de turma. E nessa oportunidade, eu fui fazer pedagogia na faculdade Católica. A Quita foi minha colega, fizemos juntas, quer dizer, eu fiz vestibular.

(WC) - É sobrinha do meu pai.

(CF) - Nós fomos colegas, quatro anos, fizemos pedagogia juntas.

(WC) - É há muitos anos, naquela época.

(CF) - Ela deve estar aposentada.

(WC) - E eu cheguei lá em 60 e fui pra divisão de ensino do 2º grau.

(CF) - É, mas aí eu já tinha vindo para Brasília. Porque eu, eu lecionei, fui assistente do diretor da faculdade, Otávio Machado, na cadeira de psicologia da escola de serviço social; trabalhava na inspetoria excepcional e fiz o curso de pedagogia, aproveitando minha passagem.

(WC) - Lá que você fez? Fez em Goiânia.

(CF) - Por Goiânia. Fiz em Goiânia.

(WC) - Na Católica?

(CF) - Católica. E de lá, quando eu terminei, em dezembro, é, 59 eu terminei, naquele tempo se faziam três anos de bacharelado e onde (incomp.) todo o esquema, três mais um e depois disto eu, ne... neste ínterim, Brasília estava para ser inaugurada e chegou ao meu conhecimento o, o concurso que ia se realizar para a, os, as instalações do sistema da rede pública, né? Do sistema educacional de Brasília. E eu fui então ao Rio de Janeiro, por conta própria, tomei um avião, fui, me hospedei no Flamengo com uma amiga que morava na casa de uma senhora, dava pensão, lá eu fui, ela me levou porque eu não sabia me movimentar muito sozinha no Rio, à noite tinha medo de ir lá, a escola técnica, na zona norte. Nós fomos numa noite de fevereiro muito quente, fazer essa prova, esse concurso público mas.

(WC) - Você ia concorrer a que disciplina?

(CF) - Eu, eu concorri, não foi para disciplina, eu concorri para o ensino na escola normal, ensino normal de Brasília. Estava saindo do curso de pedagogia e concorri para dar aula na escola normal mas você não fazia opção por uma disciplina. A, a CASEB, que é a comissão administrativa do sistema educacional de Brasília é, era presidida pelo doutor Armando Hildebrant, a, a CASEB selecionou 200 professores, mais ou menos, para a escola primária e 60 para a escola de, média. Naquele tempo, segundo a, a portaria 507, o ensino era, era primário e médio, né? O médio com seus ramos, secundário, industrial, comercial (incomp.) normal. E eu fiz então para o curso normal, pro ensino médio com normal e depois de estar, bom, fiz o concurso, o concurso constava dessa prova, uma prova escrita muito longa, a gente fez essa noite, lá

na escola técnica, lá em São Cristóvão perto do maracanã.

(WC) - Isso!

(CF) - No Rio de Janeiro. Eu não tive coragem de ir lá sozinha e essa minha amiga foi comigo, me levou comigo, fomos de táxi. Nunca me esqueço que pra ir pra lá naquela hora, estava chegando ali na, no Largo da Carioca, onde eu devia, tinha que atravessar numa sacada lá, estava chegando, eu acho que era o general Lopes, acho que ele era candidato.

(WC) - Ele era candidato.

(JN) - Candidato.

(CF) - Estava havendo um comércio ali, começando uma campanha política, e estava quase impossível de se atravessar ali, então a gente atravessou ali pra pegar um táxi na avenida Rio Branco pra chegar a tempo de fazer a tal prova. Um calor, insuportável, e eu pensava: "Meu Deus do céu! Será que eu vou conseguir fazer alguma coisa com esse (risos) mal-estar físico, tamanho", né? Mas tudo correu bem, havia ventiladores lá e eu fiz a prova. Pra depois ter a alegria de saber que no Brasil todo eu tirei em terceiro lugar. E isso eu tenho uma, um documento, um certificado, que eu tirei o terceiro lugar nesse concurso nacional. Depois disto, a gente teve uma entrevista, a minha foi com o Samuel Barros, Barros, Santos, um psicólogo.

(WC) - Era banca examinadora era formada por professores de lá? Do Rio?

(CF) - Olha, eu não sei quem é que, que corrigiu as provas não. Eram, eram lá, tinham, não sei quem eram.

(WC) - Não teve acesso?

(CF) - Não teve acesso. Eu sei que eu fui, depois é, é Barros, Barros Santos, como é o nome dele? Um psicólogo, muito famoso lá, ele que me

entrevistou. Aí que você, teve uma nova entrevista e eu fui entrevistada pra depois saber, pra saber o seguinte, que tinha passado, né? Depois, recebi a incumbência de fazer com, com o Daniel Antipoff a seleção de Goiás. Porque essa seleção foi feita em vários pontos do país, né? E, então, eu fiz a seleção em Goiás.

(WC) - Muitos candidatos aqui de Goiás?

(CF) - Muitos! E alguns que foram aprovados que vieram, tentaram mas não quiseram. Egídio, o professor Egídio, lembra dele?

(WC) - Lembro, Egídio Tuck.

(CF) - Egídio Tuck veio, passou, foi contratado, foi movido, não se deu bem (incomp.) foi embora. Muita gente desistiu, quer dizer, não tinha muita atração pra quem tinha uma vida tão bem organizada em Goiânia, vir pra Brasília naqueles tempos, né?

(WC) - Egídio depois fez um colégio, né? Eu até dei aula no colégio dele.

(CF) - Pois é!

(WC) Escola da área central.

(CF) - Ele era, inclusive, professor, professor mais tarde de faculdade, eu, soube. O Zuza, também, fez, veio pra Brasília, vieram vários professores, não só em 60, como a partir daí, né? Outros vieram de Goiás.

Mas, então, nós viemos, eu, terminado isto, bom, quando nós fizemos o, o concurso.

(WC) - Esse recrutamento, de professores?

(CF) - Quando a gente fez o concurso no Rio já saiu de lá contratadas.

(Final do lado A da Fita I)

(CF) - O contrato de trabalho estipulava, para professor de ensino médio, um salário de 45 mil cruzeiros e para o professor de ensino primário, 25 mil cruzeiros. Era um alto salário para a época, basta dizer que, em 1959, se não me engano, o salário mínimo era 5.900 cruzados, cruzeiros, perdão.

(WC) - Cruzeiro, né?

(CF) - Mas, então, veja que é, quem ganhava 45 mil cruzado, cruzeiros estava ganhando, o, estava recebendo o quê? Sete, cinco, mais ou menos, em torno de sete salários mínimos, né? Sete pra oito salários mínimos mas com a, a diferença de que o salário mínimo tinha, aquela época, um poder de compra muito maior porque o custo de vida não estava nas alturas do que está hoje. Isso para dizer que 45 mil cruzeiros de salário para um professor de ensino médio era um excelente salário à época. Houve um grande incentivo com um salário que chamou atenção, houve realmente uma preocupação em se pagar muito bem ao professor que viesse para Brasília porque um, um salário, um, um salário alto seria atraente para professores competentes, para que se fizesse uma seleção com o nível de ambição da CASEB, não é? A, o sistema educacional de Brasília foi planejado pelo doutor Anísio Teixeira com, eu acho que, assessorado pelo professor Paulo de Almeida Campos, que ainda está vivo, e trabalhou na, na, também na, na concepção do ensino normal o professor Lauro de Oliveira Lima, que hoje está no Rio de Janeiro e tem lá a "Chave do Tamanho", né?

(WC) - Minhas filhas.

(CF) - Escola piagetiana.

(JD) - É, minha filha estudou lá.

(CF) - Está lá, está lá nho Rio de Janeiro. Lauro de Oliveira Lima

tinha vindo do Ceará, veio do Ceará, depois para Brasília e como todos sabem era um, é um homem com, muita inventividade, é, e um, o ensino, o sistema educacional de Brasília foi então, planejado com muita ambição, com ambição.

(WC) - Só um momento, o Lauro, o Lauro não ficou.

(CF) - Não, o Lauro não veio.

(WC) - Só no planejamento, né?

(CF) - Ele não esteve aqui nessa época. O Lauro só veio pra Brasília mais tarde. Inclusive, ele era o diretor do ensino secundário à época do movimento militar de 64 e foi, quando ele foi destituído, não é? Teve todas as, dificuldades porque passou a partir daí. Mas eu estou me referindo ao Lauro de Oliveira Lima a, ainda, antes da inauguração de Brasília quando ele participou de reuniões, quando transmitiu um pouco da concepção do ensino normal.

O ensino todo em Brasília foi concebido com ambição de ser um ensino modelar. A escola primária era uma escola, pelo menos no plano piloto, dentro do plano do professor Anísio Teixeira, era uma escola, como todo mundo sabe, todo mundo que está na área da educação sabe, quem viveu à época em Brasília se lembra, era uma escola concebida com, com a frequência dos alunos o dia todo e com atividades alternadas entre a escola classe e a escola parque. A escola classe daria chamada, a atividades acadêmicas, né? E curriculum, digamos, teórico, mais acadêmico de, de linguagem, matemática, ciências e a, a parte de informação, não é? Enquanto a escola parque daria a parte de formação artística, de lazer, de educação física, desportos, práticas de trabalho e etc.

(WC) - Só um momento.

(CF) - Esse plano.

(WC) - Essa formação acadêmica deferia alguma coisa da que era dada em outros colégios? Ou era a mesma formação acadêmica e a inovação era apenas que havia essa integração com a escola parque?

(CF) - Eu acho que havia, havia, é, vários aspectos inovadores, o currículo era o mesmo, currículo de escola primária enriquecido com essas atividades, não é? Que não era o comum da escola primária que, geralmente funcionava, como até hoje ainda funciona, às vezes, em três turnos, quatro turnos e as crianças passando poucas horas na escola. No Distrito Federal, foi pensado que, que as crianças teriam o dia todo ocupadas, até porque, era levado em consideração que as famílias estavam in... inseridas na vida administrativa e política da cidade, pais, mães, do plano piloto, eu me refiro, trabalhavam fora e a escola teve muita responsabilidade, de, acolher e ocupar essas crianças durante a maior parte do dia. Mas todos voltavam à casa pro almoço e pena que não houve o, o desenvolvimento do plano, a partir de 1961 e novas escolas parque não foram construídas e esta, esse enriquecimento curricular ficou apenas naquelas escolas que, iniciais. Vocês vão encontrar uma superquadra completa e que já funcionava completa desde o início de Brasília, segundo o plano, original, a 308 sul.

(WC) - Apenas.

(CF) - Àquela época sim, depois se construíram, já mais tarde, na década de 70 a escola parque aqui da, aqui da, eu não me lembro a quadra, aqui na Asa Norte, a da.

(JD) - 304?

(CF) - 313 da Asa Sul.

(JD) - 304, aqui perto da Disbrave, mais ou menos, não é?

(CF) - É.

(WC) - 303, quatro.

(CF) - 303, quatro, é. Mas i... isto realmente foi a, a discrepância entre o planejamento e as condições que se colocaram para a execução.

(WC) - Só um detalhe. E pelo o que eu vejo então, é, de todo o planejamento, né? Que foi feito, es... ficou muito restrita a área de execução prática, não é? Então, isso, isso dava pra haver alguma modificação substancial no que era dado no ensino no resto do país? Porque só havia uma escola parque.

(CF) - Bom, é, foi o início de uma experiência que não teve prosseguimento, não é? Então eu não posso, não saberia dizer se isso teve impacto no, se chegou a modificar o ensino do país. A escola parque, ela já era uma experiência testada na Bahia, é, a diretora da escola parque da Bahia, inclusive, era irmã do doutor Anísio Teixeira e era uma experiência bem sucedida mas que também não era generalizada na Bahia. Eu acredito que a partir do momento em que nós tivemos um currículo enriquecido, mesmo depois, quando foi preciso fazer rodízio, as crianças não permaneceram to... virem todos os dias, nos dois horários, para a escola parque, ainda assim, eu acho que, que foi um, um marco porque nunca mais se desenvolveu um currículo puramente acadêmico, puramente é, de informação, na escola, no Distrito Federal. Mesmo nas escolas classes da, da cidades satélites, apesar de não haver escolas parques porque o plano educacional de Brasília não incluía as cidades-satélites, portanto, não havia terreno destinado a escolas parques, como não havia pros jardins de infância, né? Eu tenho impressão de que as escolas, as cidades-satélites, elas surpreenderam os planejadores, não se esperava que dentro de tão pouco tempo houvesse cidades-satélites (riso) do tamanho de Taguatinga, do tamanho

de Ceilândia, não é? E, mas o fato é que não se teve mais, nun... no Distrito Federal nunca se desenvolveu currículo em escola primária que não tivesse as atividades é, de, artísticas, desportivas, de educação física e de preparação para o trabalho, inclusive, precedendo as idéias da lei 5.692.

Eu acho que a, o plano educacional de Brasília quando colocou no ensino de, de, primário as esco... a escola parque e, e nas cidades-satélites, evidentemente, que se procurou desenvolver as atividades embora não houvesse a escola parque, né? Construída para, como tal e no ensino médio, no ginásio a, a presença de atividades como edu... educação para o lar, é, práticas agrícolas, práticas industriais, práticas comerciais, é, e tantas outras atividades curriculares diferentes daquelas, é, convencionais que se, que acontecem dentro da sala de aula, das salas de aulas convencionais, eu acho que tudo isto é, foi alguma coisa inovadora, enriquecedora e irreversível. Acho que ninguém teria coragem mais, como de fato não teve, de montar um currículo pra qualquer escola que não tivesse essas atividades. Então, a presença de professores de educação física, todos eles credenciados e com nível superior, por sinal, foi uma equipe da melhor qualidade, veio pra Brasília, eu falo deles com o maior respeito porque foi uma equipe muito boa. Os professores de artes industriais que vieram pro, pra CASEB, os professores de educação para o lar, os professores de, aqueles professores que revezaram às suas atividades de sala de aula com as orientadoras de turma e de, é, coordenadores dos clubes; porque afóra as atividades nas oficinas, nos laboratórios, os alunos, porque tinham tempo integral também, professores e alunos, isso foi assim grande, a nossa grande utopia, durante dois anos, alunos e professores, passavam oito horas

na escola, iam almoçar e voltavam, isto dava assim oportunidade a de fato se tentar uma educação mais completa, educação integral e os alunos se organizavam em clubes. Ah, eles tinham área de orientação, cada turma tinha o seu orientador, orientador, não orientador educacional, orientador de estudos, orientador, é, de atividades, um professor que se responsabilizava por aquela turma durante todo o ano, todas as turmas tinham seu orientador. Os alunos tinham orientação educacional, um gabinete de orientação muito bem montado, muito bem iniciado pela professora Mariana Alvim, foi a nossa primeira orientadora educacional, depois vieram outras, mas foi ela quem iniciou o trabalho. Os alunos tinham as suas aulas nas oficinas de artes industriais, de artes co... o, o, sala de práticas agrícolas é, então agrícolas parte comerciais e ainda eles tinham os chamados clubes e o, a chamada hora, hora de estudo livre, estudos orientados, uma boa biblioteca que funcionava com bibliotecários também credenciados, gente da melhor qualidade profissional. Esses alunos, nós tínhamos uma variedade de clubes, clubes de línguas, clube de, de filatelia, clube de fotografia, clube de música, clube de dança, clube de toda a espécie. Então, havia de fato uma variedade muito grande de atividades e o colégio era um ponto de atração. Porque como Brasília estava com sua vida é, cultura, social muito incipiente, havia poucos clubes na cidade, havia poucas opções de lazer e esses alunos voltavam pro, pro ginásio aos sábados e domingos e ali estavam os professores de educação física promovendo torneios e ocupando o tempo e atendendo às solicitações deles.

Nós tínhamos, num seminário que fizemos em, depois dessa seleção que se processou no país todo, nós tivemos uma, uma semana de

estágio aqui em Brasília e uma no Rio, as, a quinzena que antecedeu a inauguração da capital. E foi um seminário de 15 dias, em tempo integral, muito proveitoso, como nós tivemos encontros com professores de alto nível, principalmente do Rio de Janeiro e houve uma coincidentização muito grande por parte da direção da CASEB, Comissão Administrativa do Sistema Educacional de Brasília e foi muito discutido e os seminários, um papel suplementar que nós teríamos, pelo menos, nos primeiros tempos de Brasília que seria o de ajudar os alunos no seu processo de adaptação a uma vida completamente diferente, alunos que tinham vindo dos vários cantos do país mas sobretudo do Rio de Janeiro, onde eles tinham uma vida muito mais atraente.

(WC) - Atraente, né?

(CF) - Considerada a circunstância que os adultos haviam escolhido vir para Brasília, eles sabiam porque estavam vindo, tinham feito uma opção, ou tinham sido obrigados pra garantir seus empregos mas de um modo geral, as pessoas vieram mais por opções mas os ado... as crianças, os adolescentes não, esses vieram acompanhando seus pais.

(WC) - Não era opção deles, né?

(CF) - Não era uma opção deles. E nós tínhamos consciência de que precisávamos oferecer a eles uma vida agradável, simpática, uma vida de afeto, quer dizer, tudo aquilo que pudesse ajudá-los nesse processo de aceitação da cidade. Mas o, ocorreu uma coisa muito curiosa, eu vi muito, muito processo de desajustamento em adultos, em pais, vi muito desajustamento em professores, funcionários, raramente havia desajustamento nas crianças e nos adolescentes. Eles amaram esta cidade assim que chegaram; talvez porque ela de fato tenha sido traçada pensando neles. Dificilmente uma criança no Rio de Janeiro poderia

descer o seu apartamento, do seu apartamento e encontrar a sua escola dentro da sua quadra e de brincar no pátio da escola aos sábados e domingos, e de ter a escola à sua mão.

(WC) - E os seus companheiros todos ali, né?

(CF) - E os pais, e os pais chegando à janela e vendo a escola. Esta era a idéia de uma escola classe em cada superquadra é, em cada quatro superquadras uma escola parque faria a complementação.

Os adolescentes e os jovens que iam pro, pro ginásio e colégio, pro primeiro e segundo ciclo da escola de nível médio, estes não tinham suas escolas dentro das suas superquadras e isso não era, não seria necessário porque já são alunos com a idade que lhes proporciona liberdade de movimento, autonomia, liberdade e autonomia, inclusive, muito necessárias ao seu crescimento, né? Seu desenvolvimento, seu amadurecimento psicológico, emocional. Então, eles alcançavam com muita facilidade a escola; havia, é, ônibus do serviço público que levava os filhos dos funcionários, a CASEB tinha um ônibus que levava e buscava os professores, nós tínhamos, um ônibus que nos apanhava. Evidentemente, que essa coisa depois, essas facilidades dos dois primeiros anos talvez, elas foram depois retiradas na medida em que também os professores foram adquirindo autonomia de vida; foram comprando seus carros, foram tendo seus apartamentos e começaram a, a organizar a sua própria vida.

(WC) - Eu gostaria de voltar um pouquinho aí. E, vocês vieram pra cá não só com a promessa de, com bom salário, como também com a promessa de moradias, não é? E era a, isso foi algo organizado?

(CF) - Eu, eu considero, eu não tenho medo de fazer essa declaração, eu considero esse aspecto da, da moradia dos professores a parte

negativa do planejamento da educação do Distrito Federal e considero, inclusive, que o problema de moradia dos professores foi a raiz de conflitos, foi a raiz de dissensões, foi a raiz de problemas muito sérios que a CASEB começou a enfrentar já a partir de setembro de 1960. Nós co... como começamos em maio, a aula inaugural foi em 16 de maio de 1960, nós, nós tivemos as nossas férias de duas semanas em setembro, diferente, naturalmente, do calendário do pa... do resto do país. Quando eu voltei das minhas férias, que eu tinha passado em Belo Horizonte em, em setembro de 1960, ao chegar tive notícia de que os professores estavam, iam começar uma greve. Foi a primeira greve de professores no Distrito Federal.

(WC) - O motivo?

(CF) - É, luta por moradias. Porque diferentemente da promessa de que nós receberíamos, como todos os funcionários federais receberam, apartamentos condignos nas superquadras, eu mesma já tinha escolhido um pra mim na 108, nós quando chegamos recebemos chaves só, só nos, nos foram dados apartamentos na su... nas quadras é, 412 e 413, naqueles edifícios sem pilotis chamados J.K. Eram, é apartamentos sala e quarto e esses apartamentos se chamavam, esses edifícios chamavam J.K., não tem nenhuma relação com Juscelino Kubitschek, era porque eles eram janela e quitinete. (riso) Porque eram janela e quitinete eles se chamavam J.K.

E os nossos alunos que às vezes usavam os ônibus conosco, porque eram filhos de deputados, senadores, é, militares e aproveitavam e moravam nas superquadras, quando, os ônibus primeiros, às vezes, nos levava até à casa e eu estou vendo o rostinho de uma aluna nossa dizer assim: "Vamos nos atrasar porque primeiro vamos à favela colorida." Esses blocos tinham os vidros de várias cores e os

nossos alunos chamavam as nossas residências, o local onde nós morávamos, favela colorida. Foi um ano muito difícil porque aquilo lá ainda estava em construção e você sa... chegava de manhã por um lado do bloco e de tarde você tinha, às vezes, que chegar pelo outro porque havia uma montanha de terra e, e tinham rasgado o chão para colocar canalização, coisas assim. Muito frequentemente nós chegávamos nesses apartamentos depois de oito hora de trabalho, trabalho pesado, um trabalho em que nós estávamos empenhados, de aula, de tudo isto, nós chegávamos não havia água pra tomar banho, estava faltando água. Aqui um bloco em... em frente ao meu tinha uma torneira externa e a gente corria lá pra pegar água.

(WC) - E os apartamentos que haviam sido prometidos eram na superquadras?

(CF) - Superquadras, como todo mundo/ como, como os motoristas do Senado, os motoristas da Câmara mas nós não chegamos até eles. Eu não tenho nada, não estou com isso querendo dizer que a, o, o papel do professor é, é socialmente mais importante do que o motorista, o que eu estou querendo dizer é que deviam, deveriam ter dado aos professores o mesmo tratamento que deram aos motoristas, não é? E, nós tivemos casos assim da professora Clarisse, por exemplo, uma francesa emérita professora de francês nós perdemos o ano passado, faleceu o ano passado. Clarisse tinha sete filhos, eu acho que eram sete, porque depois nasceu uma em Brasília, oito, a ela deram dois apartamentos, desse sala e quarto, pra que ela acomodasse sete crianças que ela acomodou, evidentemente, em beliches.

(WC) - Claro!

(CF) - Ela preparou um beliches e acomodou as crianças em beliches. Os

professores solteiros ficaram dois a dois nesses apartamentos de sala e quarto ou ficaram num, num, como é que se chamava? Eu esqueci o nome.

(WC) - Alojamento.

(CF) - Num alojamento assim.

(Final do lado B da fita I)